

Sempre no fim da fila

Sandra Lefcovich
Da equipe do **Correio**

Na Aldeia Nova de Monte Pascoal, Joel Bras é cacique. Na hora de comprar passagem na rodoviária, é o último da fila. "Chega uma pessoa no guichê, é vista como um *intelectual* e o vendedor deixa a gente por último", conta ele, 40 anos e 12 filhos.

Para Joel, que está em Durban, existem dois tipos de discriminação-contra os índios no Brasil: a física e a ideológica. A morte do índio Galdino Jesus dos Santos, pataxó como ele, queimado por jovens brancos num ponto de ônibus de Brasília em 1997, seria

um exemplo extremo desse preconceito que ele chama de "aparência". "Eles vêem que a gente é índio e menosprezam o nosso povo", diz Joel. "Além disso, há a ideologia por trás do ato: aqueles jovens com estudo acham que somos selvagens e merecemos essa malvadeza."

Mas os jovens de Brasília tiveram um bom professor: o próprio Estado, que mais de uma vez tratou a questão indígena a ferro e fogo. Uma boa mostra ocorreu durante as comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento, no ano passado. Uma verdadeira aula de discriminação. A polícia reprimiu

os índios e os impediu de entrar em Porto Seguro. "Nos oprimiram para evitar que manifestemos em público os nossos sentimentos", reclama Joel. "As autoridades preferem que o índio não fale", diz.

Joel viajou a Durban acompanhado de Aguinaldo Pataxó, 34 anos e dois filhos. Um dos 82 índios eleitos vereadores no Brasil, o pataxó hã-hã-hã diz que a comunidade indígena do Nordeste, que tem 500 anos de contato com os brancos, sofre o descalço do governo.

Embora tenha conseguido se eleger vereador em Pau Brasil (sul da Bahia), Aguinaldo recla-

ma dos políticos. "Temos nossos vereadores, mas os prefeitos não se sentam para conversar com a gente. Não respeitam a nossa comunidade", diz. "Queremos que a lei seja igual para todos", exige. O preconceito começa no nome. Aguinaldo, batizado de Toeriê na aldeia, reclama que o seu nome nativo não foi aceito no registro civil da cidade.

Apesar dos obstáculos, Joel e Aguinaldo não desistem da briga. E têm um mártir para lembrá-los de seus deveres: "Galdino sempre está conosco na luta. Aquele ato não nos entristeceu, pois os povos se fortalecem com a morte", afirma Joel.